

Artigo

O Auto da compadecida: questões para a construção de um olhar

Cláudio Luiz Pereira

Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. Antropólogo da Universidade Federal da Bahia. Professor de Cinema Brasileiro na Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC.

Sinopse

A história se passa no sertão da Paraíba, local pobre e árido, onde o esperto João Grilo (Matheus Nachtergaele) tenta sobreviver tendo por companheiro Chicó (Selton Melo), um confuso acompanhante na sua lida e vida. A trama começa a ser hilariantemente tecida quando os dois amigos se empregam numa padaria, e passam a se relacionar com seu avaro padeiro (Diogo Vilela) e sua mulher, Dora (Denise Fraga), muito namoradeira. Explorados pelos patrões, que lhes concedem tratamento inferior aos animais da casa, os dois, aturdidos pela irresistível compulsão que fundamenta a ambição, vêem uma chance de ganhar alguns trocados quando a cadelinha de estimação da mulher morre e os dois organizam um enterro de luxo, em latim – o que vai criar um conflito no âmbito da igreja, entre o padre (Rogério Cardoso) e o bispo (Lima Duarte), assim como com o coronel (Paulo Goulart), todos engabelados por João Grilo, na sua tentativa deslavada de emendar o mal-feito, sempre obtendo vantagens. A situação ainda seria agravada, já que Chicó se apaixonaria pela filha do coronel, que tem como pretendente o cabo e o valentão da cidade. As peripécias destes personagens parecem acabar, entretanto, quando eles são mortos durante uma invasão de cangaceiros a localidade, comandados pelo rude Severino (Marco Nanini). Uma vez do outro lado da vida, serão todos sujeitados a um julgamento, tendo por acusador o diabo (Luis Melo), disposto a todo custo levá-lo para o inferno. João recorre a sua inteligência para convencer o Juiz, Jesus Cristo (Maurício Gonçalves), a salvá-lo das chamas do inferno, e evoca Nossa Senhora (Fernanda Montenegro) a, mais uma vez, socorrê-lo.

Comentário Crítico

O Auto da compadecida é um documento sobre a sociedade brasileira. Retrata seu lado burlesco, ou seja, aquele em que a própria figura humana, mesmo vista na sua miserável lida, torna-se engraçada. Cômicas parecem ser as histórias, sem dúvida, porém enormemente trágicas. São tragicômicas as tramas destas histórias, intrincadas por personagens tipicamente brasileiras, na grandeza de sua fé, na pequenez de pequenos gestos sorrateiros, na ingenuidade e na esperteza da viva inteligência de alguns, na malfadada sina de outros, nas traições habilmente urdidas, no poder de poucos sobre muitos e, sobretudo, na crença da vitória do amor e da justiça divina. Por tudo isso, se

ousará reafirmar aqui, peremptoriamente, de que o filme é um documento de nossa cultura brasileira, e que tem de ser analisado a luz do par conceitual relacionada a esta idéia de cultura, no caso as palavras-chaves Nacional e Popular.

Os estudiosos da história, aliás, tem uma conhecida fórmula que ensina que um documento – como é o caso do filme - sempre nos fala profundamente, desde que saibamos como indagá-lo. Vejamos, assim, como podemos criar uma problemática em torno do filme mencionado, considerando-se, inclusive, o tipo de questão que pode ser proposta no vestibular, e que, provavelmente, buscaria uma analogia com algum contexto, a exemplo do suscitado pela indagação sobre a identidade e caráter nacional dos brasileiros; ou seja, o povo e a nação brasileira, na sua problemática básica: quem somos nós os brasileiros? por quê somos assim? Como viemos a nos tornar o que somos? Como e com que nos identificamos como nação e como povo? E, sobretudo, faz sentido, em um mundo como o nosso, um país como o que temos?

É com base nesta problemática geral que vamos reivindicar aqui nosso argumento para que se possa ver o filme. Pautaremos, assim, nossa apreciação crítica em algumas questões básicas, a seguir expostas.

Qual é a temática e como se estrutura a narrativa do filme? O tema geral pode ser apreendido a partir de algumas questões que podemos formular, concernentes a história do filme, ao caráter de seus personagens, e ao fim a que se propõe originalmente seu texto, isto é, o propósito moralizador que é próprio a um tipo de teatro popular brasileiro.

Auto, como designado no título, é um tipo de encenação popular, corrente durante muito tempo no nordeste do Brasil, e que se propunha a um ensinamento religioso. Os autos tinham a função de levar ao público as exemplares vidas dos santos, assim como os atos que os dignificaram. O auto obedece a um modelo de composição, uma das formas teatrais e dramaturgicas, que está muito ao gosto do povo, sua função sendo o de instrumento de catequese, didática pelo ensinamento teológico dos evangelhos, moralizante através do exemplo cristão da vida dos santos. Encenam-se nos autos, portanto, enredos populares, e no caso brasileiro renovado pelo caudal de elementos indígenas e africanos (lapinhas, pastoris, congadas, etc) e personagens folclóricos eivados do próprio povo. O auto aqui

é da compadecida, porque fala justamente de Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos brasileiros. (Compadecida porque se compadece do ser humano, conforme pode ser visto no final do filme quando a mesma é chamada a interceder em favor de João Grilo).

Escrita pelo dramaturgo e escritor pernambucano Ariano Suassuna, em meados da década de 50, reproduz o modelo de textos religiosos encenados em procissões e átrios de igrejas, como era comum naquele tempo, mantendo-se uma tradição medieval e renascentista que parece ter vindo de Portugal, ou do mundo ibérico (entre os autores mais conhecidos podemos referir Lope da Veja, Calderon de La Barca e Gil Vicente), e sido introduzido entre nós no século XVIII, sendo o caso, por exemplo, dos Auto dos Reis Magos, e toda sorte de performances dramáticas encenadas nas procissões de Corpus Cristi, Natal, Páscoa, etc.

Acresce-se a isto o fato de que todas as histórias aqui alinhavadas foram recriadas a partir de histórias outras, retiradas do universo da poesia popular brasileira, também conhecidas como “literatura de cordel”. De acordo com o próprio Suassuna, baseado em romances e histórias populares do Nordeste, e em certa tradição circense. Tradição, aliás, claramente reconhecível na estruturação dos seus dois personagens principais: João Grilo é o palhaço espertalhão, secundado por Chico, ingênuo e covarde. O palhaço e a besta! como se chamava no velho circo. O mesmo circo que se fez, historicamente no Brasil, movido por um caráter tradicional e coletivo.

Por outro lado ainda, note-se, com respeito à literatura de cordel, que a sátira social é parte de uma expressiva retórica, fixada em uma poética tradicional popular, não raramente anônima (embora alguns identificáveis, como fez por exemplo Leonardo Mota, também escritor pernambucanos, no seu livro *Violeiros do Norte*, que traz alguns dos cordéis diretamente relacionados ao texto de Suassuna), e cujo conjunto de obras poderia ser identificada por uma comédia popular do Nordeste, gestada pela comédia medieval e renascentista. Poesia encenada, cômica, a ser recitada em voz alta, e em que o verso se transforma em prosa, transmuta-se de narrativa indireta, em que se conta a história de um personagem, em narrativa direta, em que o personagem é visto vivendo a história.

Vale mencionar também, que outra tradição literária que se relaciona a João Grilo é o herói picaresco Pedro Malazarte, tradicional na oralidade popular. Figurando na construção da visão de mundo de nosso povo, personagens como estes dois, supracitados, expõem idéias, histórias, imagens, falas, temas, motivos. Aquilo que é a expressividade da vida do povo brasileiro.

Como o filme deve ser visto e analisado? Na verdade, existem diversas maneiras de se ver um filme. Pode-se, por exemplo, assisti-lo na perspectiva de que o mundo da imagem é um mundo de formas, sendo a representação de uma dada realidade no plano, e que se pode, portanto, fazer uma leitura formalista nos seus diversos ângulos: os planos, os cortes, etc – note-se, por exemplo, que os personagens foram caracterizados de modo exagerado e caricato, o que faz com que o filme tenha inclusive um caráter frenético na sua montagem.

Pode-se buscar, neste filme, o conteúdo da história analisando-o a partir de alguns referenciais teóricos básicos: histórico, psicológico, psicanalítico, etc. Seria sociológico, por exemplo, quando se quer entender a sociedade que produz aquele filme e que por esse é retratado. No caso, a sociedade brasileira. Nordestina, agrária. Neste plano sociológico pode-se ver também os diversos aspectos políticos que são particulares desta sociedade, com sua estratificação social própria, bem como sua forma de mandonismo com o poder encarnado na figura do coronel.

Neste sentido acreditamos que a chave do nacional e do popular bem explica o filme. Poder-se-ia ver o aspecto religioso também, notadamente aquela religiosidade católica devocional, própria ao meio nordestino, com seu misticismo, sua visão de mundo, seu valores éticos, seu imaginário (Note-se que na seqüência do julgamento os deuses são humanos, nas suas grandiosas disputas; as geografias hierofanicas também são imaginadas, repare como o céu é cheio de regras morais e o inferno, que só podemos entrever através de uma porta, está abarrotado de sofrendores que padecem nas chamas eternas).

No que tange a religiosidade observe-se particularmente a figura da Virgem, afinal o auto é construído para louvá-la na sua justiça misericordiosa, e se sua aparição é curta no enredo, repare-se que ela é decisiva para o desfecho do filme. A Virgem, que povoa o imaginário brasileiro, é a maternal, mãe dolorosa, Nossa Senhora. É a mediadora divina, aquela que gerou o filho

de Deus, a Compadecida, aquela que por força deste amor materno interfere piedosamente a favor dos homens, e em torno da qual se construiu uma forte devoção mariana, que, não raro, distinguia o catolicismo devocional daquele catolicismo oficial (Repare-se no tom satírico com que o pároco e o bispo são retratados, como sujeitos sem moral, destituído de escrúpulos, e querendo sempre levar vantagem. O texto é crítico a igreja, sem contudo ser iconoclasta aos símbolos da religiosidade brasileira, ou seja, não é de maneira alguma blasfemo).

Pode-se ver, também, ainda sobre esta chave do nacional e popular, a profunda sátira social que está contido no filme. Para esta sátira é empregada uma linguagem visual, palpável e concreta – são casos, histórias, fatos evocados. São casos que envolvem questões fundamentais dos nossos valores sociais, dentre os quais a ambição e a justiça. Repare que toda a trama se desenvolve em torno de dinheiro, o que revela uma censura a ambição cega. Em contrapartida, a justiça é julgada por um juiz sereno, aquele que se situa acima dos homens. (Repare-se que no filme o Cristo, ou simplesmente Manuel, é negro, isto foi posto intencionalmente na peça por Suassuna, que faz blague com a questão racial brasileira).

Que elementos da vida social brasileira encontramos no filme? Em primeiro lugar um forte elemento identitário, ou seja, das características que afirmam a identidade do brasileiro enquanto brasileiros: linguagem, hábito e costumes, o caráter nacional nos seus aspectos psicológicos, isto é, o modo de sentir, o modo de pensar próprio de nosso povo. Acredito que é para este caráter dos brasileiros que pode ser apontada com mais foco a análise.

O mote do filme, como lembra certo crítico é que “mentira com fé, nem sempre é pecado”, o que parece fazer parte da visão de mundo do brasileiro. Portanto, nenhuma outra explicação poderia ser tirada do filme que não visse o brasileiro como engraçado, engenhoso, satírico, e disposto a tudo para ganhar a vida. Mas, sobretudo, este brasileiro deve ser visto como um forte (lembre-se aqui Euclides da Cunha e o que ele diz dos sertanejos), capaz de sobreviver a todos os percalços que a vida lhe impõe, capaz, sem dúvida, em de dar um jeitinho em tudo (inclusive na morte, como se pode concluir pelo desfecho do filme).

Por fim, urge uma última questão: É possível estabelecer um paralelo entre o filme e a vida contemporânea? Sem a menor dúvida, o sucesso estrondoso do texto de Suassuna tem atravessado varias gerações, merecendo montagens no rádio, no cinema (três adaptações), e também na televisão (duas adaptações) como é o caso da presente versão que foi estruturada como uma mine-série, e só depois foi montada para ser exibida em salas de cinema. O interesse do público, os mais de dois milhões de espectadores que foram as salas de cinema para assisti-lo mesmo depois de sua exibição televisiva, nos prova de que o tema geral que ele aborda é atemporal, fortemente ancorado numa tradição brasileira e que, por isso mesmo, está presente no nosso cotidiano. Os valores, a visão de mundo e o modo como esses sancionam certa noção do que somos, enquanto brasileiros, diferentes de qualquer outro povo, em processos históricos e culturais, é a principal contribuição do filme para que possamos pensar a vida contemporânea.

Ficha Técnica

Título: O auto da compadecida. (Brasil, 2000.). Colorido, 35 mm, 104 min. Gênero: Comédia. *Produtor:* Daniel Filho. *Diretor:* Guel Arraes. *Argumento:* baseado na peça de Ariano Suassuna. *Roteiro:* Adriana Falcão, Guel Arraes e João Falcão. *Fotografia:* Felix. *Figurino:* João Albuquerque. *Montagem:* Paulo Henrique Farias. *Elenco:* Matheus Nachtergaele, Fernanda Montenegro, Selton Mello, Marco Nanini, Diogo Vilela, Denise Fraga, Rogério Cardoso, Lima Duarte, Virginia Cavendish, Paulo Goulart, Luiz Melo, Maurício Gonçalves.

Sugestão de Leitura

SUASSUNA, Ariano. *O Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro, Agir. 2005.